

# Novo método acaba com as notas baixas

*Colégios públicos de 1º grau resolvem eliminar provas e boletins para tentar diminuir a repetência e a evasão escolar*

Adeus às notas vermelhas e ao medo de repetir de ano. Não se trata de magia mas de uma nova experiência pedagógica utilizada em várias escolas públicas do país, conhecida como progressão continuada.

Nesse sistema, os alunos não podem ser reprovados e acaba o regime tradicional de dividir as crianças por série. O estudante é encaixado na turma de acordo com sua idade e não faz prova para passar de ano. A progressão é automática e a avaliação não ocorre por meio de notas. O professor acompanha o desenvolvimento individual de cada aluno.

A idéia surgiu na Europa, em países com um grande número de imigrantes que não conseguiam acompanhar o ensino regular. Caso da Bélgica, França, Inglaterra e Holanda. O Brasil importou a experiência na década de 90 para combater outros males: a repetência e as enormes distorções entre a idade e a série dos alunos.

As escolas municipais de São Paulo foram as primeiras a aderirem, seguidas por Porto Alegre, Belo Horizonte e o Distrito Federal. A partir do próximo ano, por decisão do Conselho Estadual de Educação, toda a rede estadual de São Paulo funcionará nesse sistema.

Mas qual a vantagem de eliminar a repetência se não existe avaliação? Carlos Coury, da Câmara Nacional de Educação Básica e especialista no assunto, oferece algumas pistas. "Não se pode confundir avaliação com nota e prova", argumenta. Ele explica que o aluno é acompanhado em todo seu processo de evolução pelo professor. Ele lembra que, onde se utiliza o método, o 1º grau fica dividido em ciclos de três ou quatro anos. O aluno se submete a uma avaliação convencional na passagem de uma etapa para a outra.

Ele não nega a existência de riscos para o afrouxamento dos controles tradicionais. "Pode-se facilitar um pacto corrupto entre o aluno e o professor", admite Carlos Coury. Ele acrescenta que estão sendo adotadas medidas para impedir que isso aconteça. A Câmara Básica de Educação está elaborando diretrizes para o ensino fundamental, com os conteúdos que todo aluno precisa saber ao final do 1º grau.

Ele lembra que, onde se utiliza o método, o 1º grau fica dividido em ciclos de três ou quatro anos. O aluno se submete a uma avaliação convencional na passagem de uma etapa para a outra.

Ele não nega a existência de riscos para o afrouxamento dos controles tradicionais. "Pode-se facilitar um pacto corrupto entre o aluno e o professor", admite Carlos Coury. Ele acrescenta que estão sendo adotadas medidas para impedir que isso aconteça. A Câmara Básica de Educação está elaborando diretrizes para o ensino fundamental, com os conteúdos que todo aluno precisa saber ao final do 1º grau.

## COTIDIANO

As aulas no sistema de progressão continuada não têm muita semelhança com o esquema tradicional. Os livros didáticos são usados ocasionalmente, como fonte de textos e exercícios. O professor ensina por meio de discussões de temas cotidia-

nos: a morte de uma figura importante, os noticiários de jornal ou um acontecimento da própria escola — festas, gincanas, etc.

Nesse processo os meios auxiliares tornam-se muito importantes. Computadores, bibliotecas, videotecas e gibis aparecem como as principais fontes do material didático.

## PRÁTICA

Silvana Arraes, 28 anos, orienta uma turma de crianças de 7 anos na Escola Classe nº 27 de Taguatinga, dentro da experiência da progressão continuada. Na mesma sala, ela controla e dá aulas para crianças em diferentes estágios de desenvolvimento. Alguns sabem ler, outros têm dificuldades e um terceiro grupo ainda está começando a ser alfabetizado.

Silvana demonstra as dúvidas e problemas de uma experiência que ainda é muito recente para ter seu resultado final avaliado.

Com o mesmo salário que recebia antes, trabalha mais (cinco horas em sala de aula e mais três de planejamento) e precisa dedicar atenção especial a cada aluno.

"Não posso entrar em sala de aula sem alguma coisa planejada",

explica. Ela também sente dificuldade em determinar o conteúdo que deve ensinar. A própria diretora do colégio, Laura Alves, defensora da experiência da progressão continuada, não nega sua insegurança.

O futuro aparece como a maior incerteza dos educadores envolvidos no cotidiano desse processo. Eles afirmam que a grande rotatividade de professores, devida aos baixos salários, e a falta de pessoal prejudicam o método. "O professor, além de bem qualificado, precisa se dedicar ao mesmo grupo de alunos para poder avaliá-los corretamente", concorda o especialista Carlos Coury. Outra dificuldade: a falta de recursos auxiliares em muitas escolas brasileiras.

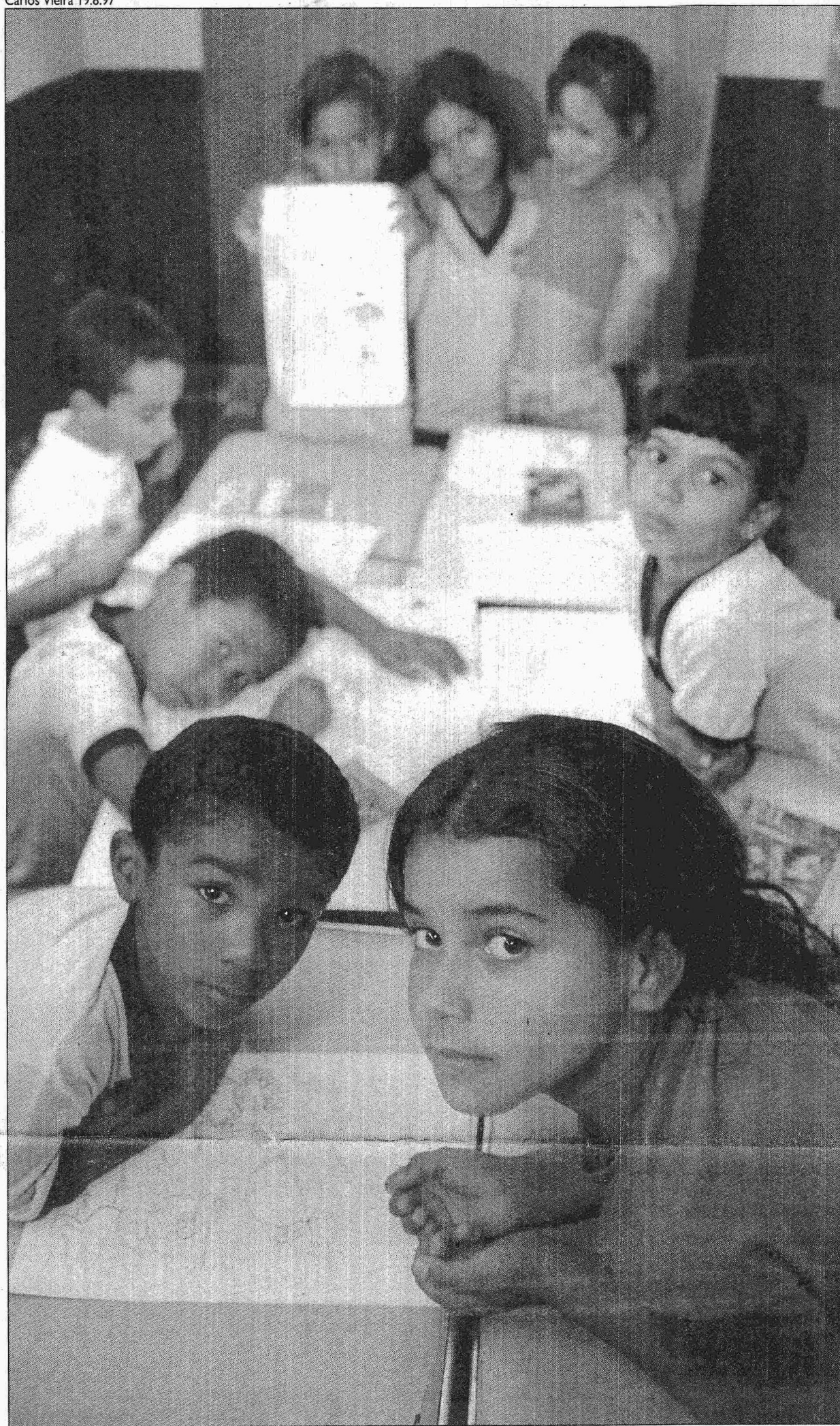
Os alunos da Escola Classe 27, que participam da experiência, parecem gostar. O detalhe mais interessante: a maior parte das crianças elige o dever como a melhor parte da escola. E mais, preferem as tarefas escritas do que os desenhos.

Os pais são os que demonstram as maiores reservas. Maria Joana Nunes, mãe de Taís, se preocupa em saber se a filha está aprendendo tanto quanto as crianças do regime tradicional. E pergunta: "Será que ela seria capaz de acompanhar as aulas em um sala comum?"

Apesar disso, ela observa que seus filhos demonstram mais prazer em ir à escola do que os irmãos mais velhos. "Só com o tempo vamos saber se foi melhor ou não", conclui.

**"EM UMA SITUAÇÃO EM QUE O PROFESSOR NÃO ESTÁ SATISFEITO PODE-SE FACILITAR UM PACTO CORRUPTO ENTRE MESTRES E ALUNOS"**

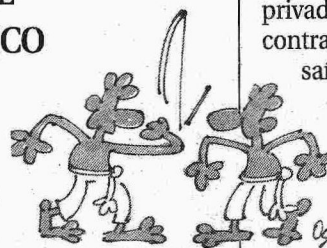
Carlos Coury, da Câmara Nacional de Educação Básica



Guilherme Silva e Suzane Santos se preparam para semana de folclore na escola, colorindo o saci-pererê

## RESGATE HISTÓRICO

De que nações africanas descendem os negros brasileiros?



Como foi a trajetória dos negros da abolição da escravidão até os dias atuais? E as religiões afro-brasileiras, como surgiram? São perguntas sem respostas pela falta de um banco de dados sobre o assunto no país. Para tentar montar esse quebra-cabeça, a Andifes — entidade que representa as universidades públicas — criou a Rede da Negritude que congregará todos os pesquisadores, estudiosos e pessoas envolvidas com a questão do negro no Brasil.

## BOM SENSO

Dados e mitos nem sempre andam juntos. O senso comum ditava que as escolas particulares de 2º grau oferecem qualidade superior a dos colégios públicos, mas pesquisa realizada nas universidades desafia essa idéia. Embora as escolas pagas levem 54,96% das vagas de vestibular na média nacional, a situação se inverte na região Norte, onde as públicas ganham com 69,68% das vagas, e na Centro-Oeste, onde faturam 53,53% do total. Outro dado interessante: nas duas regiões, 55,17% dos

aprovados vindos de escolas privadas fizeram cursinho, contra apenas 36,23% dos que saíram de colégios públicos.

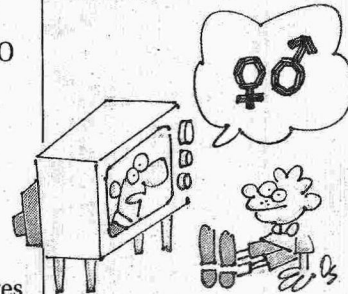
## QUEBRA DE SILÊNCIO

A nota D obtida pelo curso de Direito do Ceub no Provão fez transbordar a indignação dos estudantes da faculdade. O Centro Acadêmico resolveu tornar público por meio de carta enviada a várias autoridades e meios de comunicação a situação da escola. Segundo os estudantes, há salas de aula com até 100 alunos, professores e diretores que agem arbitrariamente de acordo com um código de normas desconhecido da maioria e crescimento exagerado de turmas e matrículas com contratação de profissionais sem qualificação.

## DE FORNO E FOGÃO

Os homens que se cuidam. As mulheres já dominam a lista dos aprovados no vestibular, mas continuam com pequena participação no orçamento familiar. Pesquisa realizada pelas pró-reitorias de assuntos

comunitários de 44 universidades públicas do país revelam os dois lados da moeda. Por um lado, o sexo feminino compõe 51,44% do corpo estudantil das universidades federais, mas somente em 17,05% das famílias a mulher arca com a maior parte das responsabilidades financeiras da casa.



## SEXO E QUADRO NEGRO

Os ministérios da Saúde e da Educação se uniram para levar sexo, drogas e Aids para dentro das salas de aula. O projeto *Um Salto para o Futuro*, feito em parceria pela Fundação Roquete Pinto e a TV Educativa do Rio, apresenta 13 programas direcionados para professores de crianças entre 4 e 12 anos da rede pública. A idéia é melhorar o nível de informação desses profissionais sobre sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, Aids e drogas. Os programas serão transmitidos para todo país pela TV Escola do MEC e pelas TVs educativas.

## COMO FUNCIONA O MÉTODO



Os alunos não fazem prova. O professor faz anotações sobre o desenvolvimento de cada estudante.

■ Acabam as séries e surgem os ciclos de três ou quatro anos. Todo o 1º grau transforma-se em dois ciclos (primário e ginásio). Para avançar de um ciclo para outro, o aluno faz uma prova.



O professor não dá aulas expositivas. Ele aborda os conteúdos a partir de discussões em grupo, usando recortes de jornais, revistas, textos extraídos da literatura, histórias em quadrinhos, etc. Os livros didáticos são usados

apenas como fonte de textos e exercício.

■ Os alunos são divididos em turma por idade. Dentro da mesma sala formam-se grupos de estudantes em níveis diferentes (os mais adiantados, os que apresentam poucas dificuldades e os que têm desempenho fraco).



O período de aulas costuma ser de cinco horas e o professor fica responsável somente por uma turma para poder acompanhar o desenvolvimento dos alunos. Além disso, ele precisa dedicar três horas diárias ao planejamento das aulas, feito em conjunto com outros professores da escola.